

Fogo em meus ossos

Fogo em meus ossos

A biografia de Eugene H. Peterson

WINN COLLIER

Traduzido por Susana Klassen



MUNDO CRISTÃO

Copyright © 2021 por Winn Collier
Copyright do mapa do Lago Flathead © 2021 por Emily A. Pastor
Publicado originalmente como *A Burning in my Bones* por WaterBrook,
selo da Random House, uma divisão da Penguin Random House LLC.
Autor representado pela Alive Literary Agency, Colorado Springs,
Colorado, EUA, www.aliveliterary.com.

Os textos bíblicos foram extraídos de *A Mensagem*, de Eugene Peterson,
publicado pela Editora Vida, salvo indicação específica.

Todas as fotografias, com exceção das creditadas, são cortesia do espólio
de Eugene Peterson, inclusive a fotografia de capa, de Peter Davis.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por
quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros),
sem prévia autorização, por escrito, da editora.

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

C672f

Collier, Winn

Fogo em meus ossos : a biografia de Eugene H. Peterson / Winn Collier ;
tradução Susana Klassen. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2022.
312 p.

Tradução de: *A burning in my bones*
ISBN 978-65-5988-120-8

1. Peterson, Eugene H., 1932-2018. 2. Presbiteriano - Biografia.
I. Klassen, Susana. II. Título.

22-77577

CDD: 922.5
CDU: 929:275.6

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

Categoria: Biografia
1ª edição: julho de 2022

Edição
Daniel Faria
Revisão
Natália Custódio
Produção e diagramação
Felipe Marques
Colaboração
Ana Luiza Ferreira
Marina Timm
Capa original
Joe Montgomery
Adaptação de capa
Ricardo Shoji

Publicado no Brasil com todos
os direitos reservados por:
Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 69
São Paulo, SP, Brasil
CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

Para meu pai, John Collier

Sumário

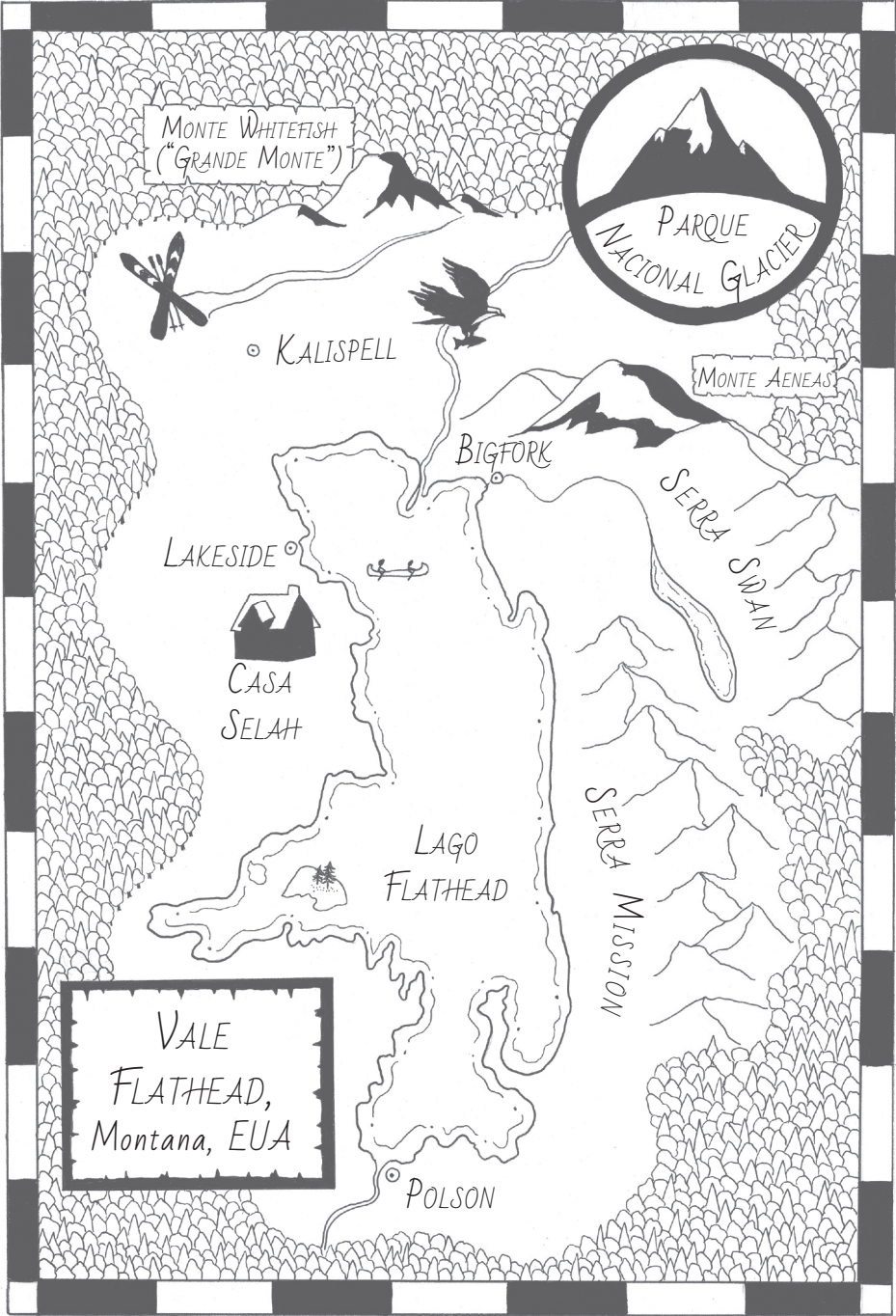
<i>Prefácio</i>	9
<i>Introdução</i>	11
PRIMEIRA PARTE	
1. Montana	15
2. Mãe: aqueles domingos de inverno	20
3. Filho do açougueiro	26
4. A natureza da busca	34
5. Horizonte promissor em Seattle	48
6. Vá para o leste, rapaz	63
7. Vivência	79
SEGUNDA PARTE	
8. Casados de longa data	99
9. Acho que sou pastor	115
10. No mesmo lugar	128
11. Misericórdia pura	139
12. Palavras encarnadas	157
13. Vida à margem	168
14. A longa obediência	179
TERCEIRA PARTE	
15. Tão sortudo	193
16. Mosteiro em Montana	216
17. Uma forma desgastada, mas santa	235
<i>Coda</i>	271
<i>Agradecimentos</i>	275
<i>Notas</i>	277

*As palavras queimam como fogo no meu coração,
incendeiam meus ossos.
Jeremias 20.9, A Mensagem*

Prefácio

No voo de Montana para casa em outubro de 2016, imaginei que tivesse visto Eugene e Jan pela última vez. Ele estava fechando o círculo de convívio, reduzindo consideravelmente os compromissos a fim de dedicar suas energias cada vez mais escassas a Jan e à família. Comecei a refletir sobre como, um dia, a história de Eugene seria contada, sobre como eu esperava que essa narrativa fosse mais que um esboço dos fatos e pontos de destaque e oferecesse uma percepção de quem ele era, um encontro pessoal, ainda que apenas por meio de tinta e papel. Incentivado por um amigo, escrevi para Eugene e lhe falei de minhas ideias. Algumas semanas depois, quando atendi o telefone, ouvi a voz baixa e rouca de Eugene do outro lado da linha. Não havia nada que o interessasse menos que uma biografia (“Só de pensar nisso já me dá cansaça”, ele declarou inicialmente), mas, à medida que conversamos, sua voz ganhou força. Depois de quinze ou vinte minutos, ele disse: “Tudo bem. Creio que você deve levar o projeto adiante, Winn. Vou ajudá-lo”. E foi o que ele fez. Eugene me deu pleno acesso a si mesmo, sua família e oito décadas de papéis, diários, manuscritos e cartas. E, durante três anos e meio, tive a alegria (e a trepidação) de pesquisar e escrever a história de Eugene. Sou imensamente grato.

Essa narrativa se apoia, em grande medida, em anotações e diários de Eugene e em inúmeras entrevistas pessoais. Quando cito uma obra publicada, ela aparece na seção de notas, organizada por capítulos no final do livro (para manter a fluência da narrativa e respeitar a aversão de Eugene à interrupção da beleza literária com notas corpulentas). A maior parte das palavras não publicadas de Eugene (cartas e anotações de seus diários) aparece em itálico, sem aspas. As muitas citações de Eugene que não aparecem nas notas finais foram extraídas de entrevistas que tive com ele pessoalmente (todas as outras entrevistas são apresentadas da mesma forma).



MONTE WHITEFISH
("GRANDE MONTE")



○ KALISPELL

MONTE AENEAS

BIGFORK

SERRA SWAN

LAKESIDE ○



CASA
SELAH



LAGO
FLATHEAD

SERRA
MISSION

VALE
FLATHEAD,
Montana, EUA

○ POLSON

Introdução

Tornam-se o que contemplam.

William Blake, *Jerusalém: a emanção do gigante Albion*

Pouco depois das sete da manhã, enquanto raios de sol se derramavam pelas janelas da cozinha, anunciando um novo dia em Maryland, Jan enchia cinco pratos com ovos mexidos, acompanhados de linguiça e maçãs fritas.

— Eric, avise o papai que o café está pronto.

— Sim, senhora — Eric respondeu.

O filho mais velho da família Peterson saiu correndo, mas parou quando chegou junto às escadas que desciam para o escritório. Sabia que o pai estaria concentrado e imerso em silêncio. Com ar travesso, o garoto de 9 anos desceu nas pontas dos pés. O porão tinha cheiro de mofo e tinta velha. Caminhando sorrateiramente pelo piso frio, feito um ladrão, Eric chegou à porta do escritório do pai.

Quase todos os dias, Eugene passava uma hora antes do amanhecer lendo as Escrituras e mais uma hora lendo comentários bíblicos. Uma mesa de segunda mão ficava debaixo da única janela do cômodo, e uma estante tomava toda a parede, abarrotada até o teto. Seus livros eram, em sua maioria, organizados por autor: Barth, Dostoiévski, Newman, Teresa de Ávila. Uma cadeira de balanço, local predileto de leitura, ocupava um dos cantos. Embora houvesse lâmpadas fluorescentes no teto, Eugene raramente usava sua luz fria; uma luminária na escrivaninha provia clareza mais aconchegante. Sobre a mesa antiga da igreja deles, Cristo Nosso Rei, havia um cálice de cerâmica e uma pátena prontos para receber vinho e pão. Perto dos utensílios da Eucaristia, uma vela branca encaixada na

boca de uma garrafa de Chianti havia muito vazia, com pelo menos um ano de respingos de cera sobre o cesto de palha que envolvia o vidro escuro. A cela de um monge. O espaço do papai, o espaço do Gene, o espaço do pastor Pete.

Com um gesto lento e silencioso, Eric virou a maçaneta. Espiou pela fresta da porta. Ainda hoje, lágrimas se formam em seus olhos enquanto ele conta para mim essa recordação. Sobre o piso frio diante da mesa de seu pai havia um tapete. A luz da vela bruxuleava sobre a garrafa de vinho. Eugene estava ajoelhado no tapete. Tinha um *tallit*, xale judaico de oração, sobre os ombros e um Saltério em hebraico à sua frente. Balançava levemente para a frente e para trás, envolto nas palavras das Escrituras, em total rendição às preces antigas.

Por um instante, Eric observou, calado. Então, bem devagar, fechou a porta e, a passos leves, subiu as escadas, de volta ao ruído de talheres em pratos.

Era apenas um menino, mas sabia que tinha acabado de testemunhar algo sagrado.

PRIMEIRA PARTE

1

Montana

Não havia nada além do empório e do bar, um de cada lado da rua, e um rio serpenteante que fluía lentamente pelo vale (via-se uma fêmea de alce com seu filhote no rio atrás do empório) — e, ainda, nenhum sinal de vida humana, ninguém. [...] Soubemos de imediato que era onde queríamos viver, onde sempre quisemos viver.

Jamais havíamos sentido tamanha magia.

Rick Bass, *Winter: Notes from Montana*

Em 1902, Andre e Juditta Odegard Hoiland colocaram em um baú e em sacos de lona suas panelas e potes, algumas roupas e uns escassos pertencentes de família. Depois de vestir os nove filhos com casacos grossos para protegê-los dos ventos do Atlântico e dos borrifos da gélida água salgada, tomaram um barco a vapor em Stavanger, Noruega, e viram os penhascos junto ao mar desvanecer na bruma. Andre já havia feito a viagem uma vez. Tinha ido trabalhar em uma usina siderúrgica em Pittsburgh, nos Estados Unidos, e guardado dinheiro para levar a família toda para lá. Os avós maternos de Eugene navegaram, talvez na embarcação *Norge*, ou na *Thingvalla*, até a Ilha Ellis, e aportaram sob o olhar bem-vindo da Estátua da Liberdade. A cidade de Nova York, com o fervilhar de suas multidões, encheu os Hoilands de um misto de empolgação e apreensão. Atraídos pela migração para o oeste, juntaram trocados até conseguir comprar passagens de trem de Nova York para Saint Paul, no estado de Minnesota, com várias baldeações ao longo do caminho. Ali, por fim, embarcaram em um dos vagões que percorria a Grande Ferrovia do Norte, feito extraordinário de engenharia realizado por James Hill, o “Construtor do Império”.

Amontoados em sua pequena cabine, os onze membros da família passaram junto aos lagos de Minnesota, atravessaram as planícies e as terras inóspitas de Dakota do Norte, até chegar a Kalispell, Montana, menos de cem quilômetros da fronteira com o Canadá.

A jovem Kalispell, fundada havia apenas dez anos, se orgulhava de ter uma estação ferroviária com trens de Saint Paul, Minneapolis, e da ferrovia canadense de Manitoba, além da serraria Mill Creek, o Hotel West (dois dólares pela diária de um quarto), um estábulo, e o Banco Nacional Conrad. Harry Stanford, primeiro delegado de Kalispell, registrou a existência de “23 bares, meia dúzia de casas de jogo e o mesmo número de cabarés, duas lavanderias chinesas e o mesmo número de restaurantes chineses, e quatro empórios”. Certa manhã de Quatro de Julho, logo cedo, George Stanford, armeiro da cidade, levou para o meio da rua principal um canhão de cem quilos tirado do Forte Benton e acendeu o pavio. Os vizinhos correram em pânico para fora de casa, vestidos com roupões de banho. Ainda assim, Kalispell exerceu sobre os Hoilands uma fascinação primeva, com os picos denteados de seus montes de granito que transpassam os céus, a brancura do inverno que se apega ao solo congelado, as florestas verdejantes no verão e o lago de azul profundo. Era como se tivessem voltado para casa. Como pedreiro, Andre fez as primeiras calçadas de Kalispell e, como pastor, ajudou a formar a primeira igreja Assembleia de Deus da cidade. Além disso, também escrevia artigos pastorais para jornais noruegueses em Montana, Seattle e na Noruega.

Quando, porém, Andre e Juditta Hoiland contemplaram pela primeira vez o imenso e magnífico Vale Flathead, não imaginaram como esse lugar seria formativo para as gerações vindouras, como esse solo exerceria influência sobre seu neto, Eugene. A terra selvagem, de topografia acidentada e impenetrável, com um histórico de justiça feita com as próprias mãos, de acampamentos de mineiros valentões e desordeiros, e de violência entre colonos invasores e nações indígenas (Bitterroot Salish, Kootenai e Pend d’Oreilles), enterrou muitos desbravadores.

Kalispell ainda era um posto fronteiriço inóspito, com todo tipo de gente embrutecida e sórdida que se pode imaginar. Vários anos depois da chegada dos Hoilands, Fred LeBeau assaltou a casa da fazenda de William Yoakum e de seu filho Riley com a intenção de levar suas armas e provisões. No entanto, quando pai e filho resistiram, LeBeau atirou em ambos no estômago. Depois de receber o veredicto de culpado, foi enforcado

pelo xerife em um cadafalso em frente à cadeia, e o jornal da cidade, *Kalispell Bee*, publicou a manchete: “Execução de Fred LeBeau não foi nada empolgante: nenhuma emoção e apenas um leve espernear da vítima da vingança da lei”.

Um lugar inclemente, mas cuja beleza natural superava, em muito, os elementos humanos mais sórdidos. O Flathead, lago formado pelo derretimento de uma geleira e escondido entre a Serra Mission e as Montanhas Rochosas, lançava um feitiço encantador. O vale emanava beleza estonteante. Pioneiros vindos do leste, ao escrever para seus familiares, relataram que o Vale Flathead era como “o jardim do Éden”. Em 1830, Joshua Pilcher, explorador que, sozinho, percorreu a vastidão do oeste canadense, enfrentando neve que ia até a cintura no inverno brutal, redigiu uma carta que acabou chegando às mãos do presidente Andrew Jackson. Pilcher descreveu as maravilhas da região: “O Lago Flathead e seu rico e formoso vale [...] concorre, em aparência, com os belíssimos lagos e vales da Suíça”. Os Hoilands consideravam a magnificência da Noruega uma rival à altura, mas o efeito era o mesmo. Era uma terra vasta e cheia de esperança, uma terra que combinava com sua alma.

* * *

William Blake acreditava que nos tornamos aquilo que contemplamos. Essas palavras não poderiam ser mais verdadeiras que no caso de Eugene. A paisagem de Montana — o lugar que Eugene amava, pelo qual perambulou e com o qual se maravilhou ao longo de toda a vida — o moldou tão certamente quanto a água de degelo moldou a bacia entre as montanhas. A beleza avassaladora, a imensa solidão e as próprias características físicas do vale formaram em Eugene uma percepção visceral de lugar. Uma qualidade de *pé no chão*, uma de suas expressões prediletas.

Em longos dias de exploração, ele percorreu as partes mais recônditas de seus arredores. Quando menino, saía sozinho aos sábados, provido de ovos cozidos, *bacon* e alguns pãezinhos na mochila, “à procura de índios e à procura de pontas de flechas”. A grandiosidade esplêndida dessa terra indômita, com todo o encanto e toda a santidade que evocava, alimentou nele uma imaginação espiritual tão formativa quanto o que ele encontrou em sua igreja pentecostal de infância. Talvez até mais. David McCullough, biógrafo de Harry Truman, explicou: “Se você deseja

compreender Harry Truman, precisa saber um bocado sobre o município de Jackson, Missouri”. De modo semelhante, se você deseja compreender Eugene Peterson, precisa saber um bocado sobre o Vale Flathead, em Montana.

Quando me sentei com um Eugene idoso para ouvi-lo descrever o tempo que ele passava andando sozinho debaixo daquele céu amplo, ficou evidente que a beleza severa e solitária o moldou e o fundamentou em um rico silêncio da alma. Para Eugene, ser um garoto de Montana — nascido em uma terra de paisagem tão imponente e imerso na vida e na história de pessoas comuns, trabalhadoras, cuja existência era entremeada com o solo e despojada de qualquer artificialidade — não era apenas um detalhe biográfico, mas parte essencial de sua vida.

Décadas antes de Eugene admirar Gregório de Nissa ou Efraim, o Sírio, ou qualquer outro dos grandes pais e mães do cristianismo, ele viveu o que o ortodoxo russo Paul Evdokimov chamou “a imanência de Deus operando na criação”. Em todos os escritos de Eugene, ele resistia ferrenhamente ao hábito comum da atualidade de separar a terra do céu, o mundo físico do espiritual. Essas convicções viriam a se alicerçar em uma teologia profunda, mas foram sentidas primeiro quando, na infância, ele se refestelava com o céu infinito de Montana, respirava o aroma das coníferas e bebia água refrescante de torrentes caudalosas. Montana foi o lugar em que Eugene nasceu. E foi o lugar que se tornou seu catecismo.

Eugene começou a vida imerso na realidade daquilo que ele viria a chamar “a Presença”. A percepção de encontro tinha um epicentro: “Oito mil metros quadrados de solo sagrado” à beira das “*santas águas*” do Lago Flathead. Esse lugar envolvia Eugene com a realidade vibrante de um Deus vivo e presente.

Seu pai tinha comprado esses oito mil metros quadrados, e o terreno, bem como a casa que o pai construiu ali, arraigaram a fé jovem de Eugene e batizaram-no com “uma presença sagrada em que ‘assim na terra como no céu’ podia ser dito em oração e posto em prática”. E, no panorama da vida de Eugene, tudo o que ele se tornou fluiu desse lugar. Em suas próprias palavras, “a geografia do Vale Flathead [...] se tornou tão importante para me nortear [...] quanto a Bíblia e a teologia. [...] Essa era a geografia de minha imaginação”. Foi exatamente essa atenção a minúcias, a preocupação de honrar a presença de Deus manifestada de forma visível em um lugar, que, mais tarde, alimentou sua aversão à transformação da igreja

em um bem de consumo, às abstrações da vida e da adoração impessoais e às abordagens desencarnadas e mecanizadas à vocação pastoral.

Em um campo não muito distante dessa propriedade da família à beira do lago, caçadores com armadilhas encontraram, muito tempo atrás, vestígios de um local de rituais do povo Kootenai, “um lugar de visões e curas”. Eugene tinha ouvido as histórias de supostos lugares sagrados da tradição cristã, “solo santo [...] embebido em sacralidade, em que as condições eram propícias para cultivar a presença de Deus”. Embora Eugene não soubesse o que pensar dessas histórias, sempre soube que a região onde ele cresceu pulsava com uma beleza sagrada. “Em minha adolescência”, Eugene escreveu em suas memórias, “às vezes eu me perguntava se algo assim podia estar acontecendo neste lugar. Às vezes, ainda me pergunto se é o caso.”

2

Mãe: aqueles domingos de inverno

Você acreditava em todas as belezas, forças e associações humanas do lugar; meu pai acreditava apenas em movimento. Você acreditava em uma vida feita de doação, e ele, em uma vida feita de aquisição. [...]

Quando eu tinha medo de empreender algo, você dizia: “Sua parte é tentar”. Você me convenceu a realizar muitas coisas para as quais me teria faltado coragem sem seu incentivo. Você também me ensinou a aceitar a derrota quando ela entrava em cena, como é esperado que aconteça de vez em quando. Ensinou-me que, se algo não havia me matado, provavelmente havia feito bem para mim.

Posso ouvi-la rir enquanto diz essas palavras.

Wallace Stegner, “Letter, Much Too Late”

Evelyn colocou o pequeno Eugene em uma banqueta a seu lado na cabine da emissora de rádio. Ajeitando os fones de ouvido, bateu de leve no microfone e deu início a seu programa de sábado na rádio KGEZ. Durante o programa, Evelyn cantava, tocava discos de vinil e narrava histórias bíblicas de modo vívido, como se as tivesse testemunhado pessoalmente. Cotovias trilavam do lado de fora, e Evelyn fazia questão de deixar a janela do estúdio aberta para que outros pudessem ouvir “o cântico do Senhor em terra estrangeira”. As ondas cheias de estática levavam para o vale inteiro a voz calmante e melódica de Evelyn, com timbres de fervorosa convicção.

Evelyn Peterson era sociável, intensa, vivaz. Uma mulher emocionalmente sensível, que transbordava de energia. “Ela era muito bonita”, Eugene disse, irradiando afeto, “muito animada e hospitaleira.” Evelyn teve